

Política dos ricos não alivia dívida

Genebra — A nova estratégia imposta pelos países ricos para diminuir o endividamento externo dos países em desenvolvimento é insuficiente para tirá-los da “desordem” econômica em que se encontram, acha a Organização das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad). O relatório para 1989 da Unctad sobre o comércio e desenvolvimento acha, também, que a aparência de boa saúde da economia mundial é “enganosa”.

Com relação à estratégia para aliviar a dívida do Terceiro Mundo, os peritos dizem que se todos os fundos atualmente disponíveis fossem utilizados, somente reduziriam em 15 por cento os pagamentos a título de juro em 20 por cento os pagamentos do capital dos países fortemente endividados. “O mínimo necessário é de aproximadamente o dobro se se quiser reativar as economias desses países”, afirma o relatório.

LACUNAS

Quanto à dívida pública, a Unctad acha que as medidas de alívio adotadas pelos países industrializados, na reunião de cúpula de Toronto, em junho de 1988, deixaram “grandes lacunas”, na medida em que excluíram uma série de países muito pobres e superendividados.

É imperativo, diz o relatório,

dar a prioridade ao crescimento e a estabilidade. Fazer o inverso, ou seja, dar preferência à estabilidade, servirá somente para limitar a certos países o acesso à ajuda financeira internacional. As prescrições das políticas clássicas não bastam. Assim puderam constatar os países que têm seguido os conselhos dos países credores para levar adiante seus programas de estabilidade financeira e o desenvolvimento econômico, sublinha a Unctad.

O secretário-geral da Unctad, Kenneth Dadzie, assinala, por sua vez, no relatório, que “os atuais movimentos de crescimento da economia mundial são relativamente frágeis”, sem contar com que a prosperidade está muito desigualmente repartida. Se Estados Unidos, Europa e uma parte da Ásia seguirem beneficiando-se de condições extremamente favoráveis, outros sofrem “uma situação persistente de depressão e também a miúdo de desordem.”

AMÉRICA LATINA

A taxa de crescimento da América Latina, por exemplo, tem sido inferior a 1 por cento e a da África se estanca a 2,5 por cento. O relatório prevê uma deterioração nos dois continentes, com uma desaceleração previsível da alta dos preços dos produtos primários.

Endividamento, déficit orçamentário, inflação, emissão excessiva e depreciação da moeda são as características destes países que se acham “em um círculo vicioso”, explica a Unctad.

ESTABILIDADE

Para atacar o excessivo endividamento e voltar a dar um impulso ao desenvolvimento, a estabilidade macroeconômica é indispensável, sublinha.

Mas essa estabilidade macroeconômica só poderá ser precária — na melhor das hipóteses — se o excesso de endividamento não for fortemente reduzido e se não se melhorar as capacidades de produção e os níveis de vida, opinam os peritos.

PARTILHA

Para romper o círculo vicioso, acrescenta, teria que se reduzir os pesos que se exercem sobre as entradas de divisas, reduzindo fortemente o montante da dívida, em capital e juros e, simultaneamente, conseguir um consenso social sobre a partilha da receita nacional, reformando o sistema orçamentário dos países endividados. A Unctad impugna a tese clássica de que a liberalização das importações é necessária para melhorar as exportações dos países em desenvolvimento.